

**Armando López Castro**

**María Luzdivina Cuesta Torre**

**(editores)**

**ACTAS DEL XI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA  
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL  
(Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005)**

**VOLUMEN I**



**UNIVERSIDAD DE LEÓN**

Secretariado de Publicaciones

2007

Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Congreso Internacional (11º. 2005. León)

Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval : (Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005) / Armando López Castro, María Luzdivina Cuesta Torre (editores). -- [León] : Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007

2 v. : il. ; 24 cm.

Contiene : Vol. I – Vol. II. – Textos en español, portugués y catalán  
ISBN 978-84-9773-357-6

1. Literatura medieval-Historia y crítica-Congresos. I. López Castro, Armando. II. Cuesta Torre, María Luzdivina. III. Universidad de León. Secretariado de Publicaciones. III. Título

82.09"04/14"(063)

© **Universidad de León**

Secretariado de Publicaciones

© Los autores

ISBN: 978-84-9773-357-6

Depósito Legal: LE-1443-2007

Impresión: Universidad de León. Servicio de Imprenta

# VERBOS E TEMPOS VERBAIS NOS ROMANCES CAROLÍNGEOS DA TRADIÇÃO ORAL MODERNA PORTUGUESA, EDITADOS ENTRE 1828 E 1960

Natália Albino Pires

Escola Superior de Educação de Coimbra

## 1 – NOTA INTRODUTÓRIA

Comum, e inquestionável, entre os estudiosos que trabalham no âmbito do romanceiro, é a assunção de que os romances possuem uma linguagem específica que os distingue, não só de outros géneros literários, como também de outros géneros literários que circulam na voz do povo e que são transmitidos oralmente de geração em geração.

Não obstante, apesar de o estudo do romanceiro tradicional com o intuito de revelar os traços originais da sua linguagem ou de mostrar a sua especificidade face à de outros géneros literários não ser uma realidade nova, a grande maioria dos estudos data dos anos sessenta e setenta e debruça-se maioritariamente sobre o romanceiro velho.

Actualmente, passado o afã destas duas proficuas décadas e ainda que, por exemplo, Diego Catalán insista em variadíssimos artigos na necessidade de se continuar a estudar a língua do romanceiro, os estudos sobre a especificidade da sua linguagem, quer se trate do romanceiro velho ou do da tradição oral moderna, são bastante parcos.<sup>1</sup>

O trabalho aqui apresentado (que tem por base um estudo mais alargado do léxico do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa que continuamos a desenvolver) pretende através de dados estatísticos, por um lado, confirmar ou infirmar as teorias de alguns autores acerca dos tempos verbais que predominam no género romancístico e, por outro lado, ser mais um contributo para o estudo da especificidade da linguagem do romanceiro.

O número total de versões dos Romances Carolíngios editadas entre 1828 e 1960 e catalogadas por Ferré (2000: 192-409) é de 174 textos, no entanto, visto que do romance "Celinos" (BRTOM XIX<sup>2</sup>/IGR<sup>3</sup> 0311) é catalogada apenas uma versão, este não foi tido em conta para os dados que seguidamente apresentaremos por não ser possível um estudo comparativo para este romance. Deste modo, o *corpus* de base do presente estudo é constituído por 173 textos, distribuídos de forma não equitativa por nove romances: "Bernardo e Valdevinos" (BRTOM XII/IGR0103); "Conde Preso" (BRTOM XIII/IGR 0118); "Aliarda" (BRTOM XIV/IGR 0149); "Morte de D. Beltrão" (BRTOM XV/IGR 0150); "D. Gaifeiros" (BRTOM XVI/IGR 0151); "Conde Claros em Hábito de Frade" (BRTOM XVII/IGR 0159); "Conde Dirlos" (BRTOM XVIII/IGR 0559); "Floresvento" (BRTOM XX/IGR 0343) e "Conde Claros Preso" (BRTOM XXI/IGR 0366).

<sup>1</sup> Salientam-se os estudos de José Luis Fomeiro (2000 e 2004) sobre o romanceiro galego, o de M<sup>a</sup> Teresa Lorenzo Cáceres (1995) sobre o romanceiro das Canárias, a tese de Filomena Compagno (2004) orientada por Patrizia Botta que elaborou um glossário dos textos do *Cancionero General* de Hernado del Castillo, incluindo os romances e que se encontra disponível online <http://cisadu2.let.uniroma1.it/glosarios/cancionero/index.html> e a tese de Gabriella Medici, também orientada por Patrizia Botta, sobre os romances do *Cancionero General*, da qual temos apenas notícia através dos textos de Patrizia Botta uma vez que ainda não nos foi possível aceder ao seu conteúdo por dificuldades no empréstimo interbibliotecário.

<sup>2</sup> Referência de cada romance em Ferré e Carinhas 2000.

<sup>3</sup> Referência de cada romance em Catalán 1982/1983.

No que se refere à terminologia linguística, muito embora não seja este o momento para a defesa do posicionamento teórico em que nos enquadrámos, na apresentação dos dados, temos em consideração dois tipos de formas: as formas lematizadas a que chamamos, no seguimento de Haensch et al. (1982), de Saramin (2003) e Compagno (2004), lemas<sup>4</sup> e as diversas formas de cada lema a que chamamos formas flexionadas.

Em relação à nomenclatura utilizada para referir os tempos verbais da língua portuguesa, com uma ligeira alteração no que toca ao Particípio Passado, optámos pela que vem definida em Mateus et al. (1989: 372-373). No que se refere ao Particípio Passado, ainda que estejamos conscientes de que se trata de uma única forma verbal, subdividimos a apresentação dos dados em formas participiais com função verbal plena (PCP) e formas participiais com valor adjectival (PCP-A)<sup>5</sup>. A opção por esta metodologia prende-se com a necessidade de dar conta da especificidade da linguagem do género romancístico, visto, tal como lembra Amado (1966: 19), "raramente a acção [ser] substituída por adjectivação" no romanceiro.

Por questões de processamento informático, para os dados aqui apresentados não foram tidas em conta as variantes dos textos.

Quanto aos quadros analíticos que seguidamente apresentamos, uma vez que os textos do *corpus* são maioritariamente procedentes do distrito de Bragança<sup>6</sup>, não podemos dar conta de dados estatísticos de distribuição geográfica, pelo que nos cingiremos apenas ao estudo da variação da flexão verbal em cada um dos romances e de forma comparativa entre eles. Todavia, face à quantidade de dados e ao número de páginas de que dispomos, não nos será possível apresentar, aqui, conclusões tão aprofundadas como desejaríamos.

Antes de proceder à apresentação dos dados estatísticos, enquadraremos, teoricamente e de forma abreviada, o nosso estudo.

## 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Vários têm sido os autores que se têm debruçado sobre a linguagem específica do romanceiro, principalmente sobre a questão da variação verbal, procurando uma explicação, o mais ampla possível, para a alternância de tempos verbais, uma vez que, de todas as classes de palavras, o verbo é seguramente a mais importante para o género romancístico já que "ocupa um papel primordial no cômputo do vocabulário do romanceiro devido à quantidade de acção dos textos" (Amado 1966: 18).

No que se refere à categoria gramatical verbo, Sandmann (1974) considera que a "mezcla de tiempos" é uma das características fundamentais do romanceiro que o relaciona indubitavelmente com a épica da qual deriva e centra a sua teorização na prosódica, considerando-a o motor da alternância dos tempos verbais no género. Na sequência de Lapesa (1982), para Mirrer (1987) as alternâncias de tempo verificadas nos textos devem-se unicamente a estratégias comunicativas a que os cantores/jograis recorriam (e recorrem) para captar a atenção do público. Coincidindo com a opinião da autora, Martínez-Gil (1989) afirma, no entanto, que a ocorrência de determinados tempos verbais em fim de verso não se deve a um mero "acidente", mas antes ao facto de alguns morfemas temporais verbais responderem às necessidades métricas pois "prácticamente todas las combinaciones posibles de vocales en

<sup>4</sup> Segundo Haensch et al. (1982: 463), "desde el punto de vista formal, el lema es el representante de una serie de formas que se pueden obtener a partir de él".

<sup>5</sup> Efectivamente, na língua portuguesa, a forma nominal Particípio Passado pode desempenhar ambas funções: verbal e adjectival, não sendo fácil, em muitos casos, a identificação do seu papel (Cf. Abaitúa 1991 que se aplica também ao português).

<sup>6</sup> Lembre-se que, por um lado, a tradição transmontana é a mais estudada do país e que, por outro lado, alguns dos textos da tradição oral portuguesa apenas existem em Trás-os-Montes (caso do romance aqui estudado *Morte de D. Beltrão*), factos que explicam que a maior parte dos textos pertença ao distrito de Bragança.

secuencias métricas iámbicas o trocaicas están representadas en el conjunto de las combinaciones fónicas del paradigma verbal del español" (Martínez-Gil 1989: 901-902) e, acrescentamos nós, também no do português.

Szterics (1980) apresenta uma síntese dos estudos mais significativos sobre a relação tempo verbal/rima no romanceiro e uma análise estatística de ocorrências de tempos verbais em fim de verso, tendo como *corpus* a *Primavera y Flor de Romances* de Wolf. O autor conclui que em contexto final de verso existe uma relação clara entre tempo verbal e assonância. Não obstante, termina afirmando que "é necessário ter em conta outros factores como o carácter do romance, na busca de variedade, ou métrica, ou significado e a qualidade da acção verbal e, antes de mais, motivos estilísticos para explicar um fenómeno tão complexo como o uso de alternâncias dos tempos verbais no romanceiro velho".

Em resumo, para os autores que se debruçam sobre a especificidade da linguagem do romanceiro é unânime a assunção de que esta é determinada por questões métricas e rítmicas que a (pré)estabelecem, mas também por questões estilísticas relacionadas com a comunicação, nomeadamente a necessidade de prender a atenção das audiências, salientando os pontos-chave da história narrada através de alterações da ordem linear dos itens lexicais ou através da alternância de tempos verbais.

### 3 – DADOS ESTATÍSTICOS

Os dados estatísticos que seguidamente se apresentam são o resultado parcial de uma investigação maior que continua em curso sobre o léxico do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa.

Os textos do *corpus* foram etiquetados através do Ulisses, um *tagger, corpus processor* e ferramenta de análise estatística, especificamente desenvolvido para o processamento do *corpus* romancístico.

O Quadro I dá conta da distribuição de textos e de palavras por romance e, ainda, da média de palavras por texto em cada um dos romances em estudo.

**Quadro I**  
**Distribuição do total de textos e de palavras por romance**

Romance	Total de Textos	Total de Palavras	Média Palavras / Texto
Bernardo e Valdevinos	6	1.098	183
Conde Preso	12	2.491	208
Aliarda	3	443	148
Morte de D. Beltrão	23	4.091	178
D. Gaifeiros	9	3.249	361
Conde Claros em Hábito de Frade	84	29.393	350
Conde Dirlos	11	3.522	320
Floresvento	11	995	90
Conde Claros Preso	14	4.044	289
<b>TOTAL</b>	<b>173</b>	<b>49.326</b>	<b>285</b>

Como se pode constatar a partir dos dados apresentados no Quadro I, a distribuição dos 173 textos que servem de base ao presente estudo não é equitativa nem quanto ao número de versões por romance nem quanto ao número total de palavras de cada romance, verificando-se também diferenças significativas na média de palavras por texto em cada romance.

Por um lado, há romances catalogados com poucas versões – o caso do romance "Aliarda" para o qual dispomos de apenas 3 versões – e romances que, apesar de possuírem um número significativo de versões, são bastante pequenos – como por exemplo, o romance "Floresvento" cujas versões possuem em média 10 versos e 90 palavras por texto – ou, ainda, romances que circulam na oralidade em versões longas e curtas – como é o caso do romance

"Morte de D. Beltrão" – frente a romances com uma extensão considerável no que se refere ao número de versos e à média de palavras por texto – como acontece com os romances "D. Gaifeiros", "Conde Claros em Hábito de Frade" e "Conde Dirlos".

O Quadro II dá conta da distribuição do total de lemas e de formas flexionadas distintos em cada romance.

**Quadro II**  
**Número total de lemas e de formas flexionadas distintos por romance**

Romance	Lemas	Formas Flexionadas
Bernardo e Valdevinos	72	120
Conde Preso	122	237
Aliarda	39	67
Morte de D. Beltrão	109	233
D. Gaifeiros	174	359
Conde Claros em Hábito de Frade	447	1.328
Conde Dirlos	139	299
Floresvento	76	135
Conde Claros Preso	223	474
<b>TOTAL</b>	<b>1.401</b>	<b>3.252</b>

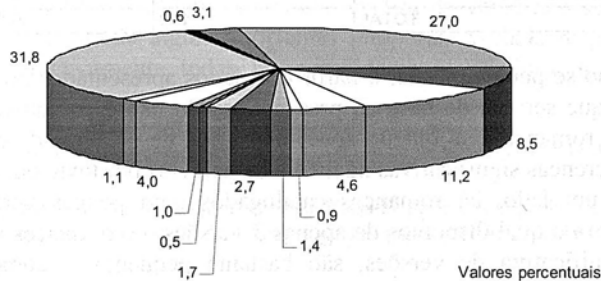
Comparado o número de lemas com o de formas flexionadas distintas presentes em cada romance, apercebemo-nos imediatamente que, em traços gerais e à excepção do romance "Conde Claros em Hábito de Frade", a flexão verbal do *corpus* não é muito rica. A partir dos dados fornecidos pelo quadro acima, verificamos, ainda, que os romances "Bernardo e Valdevinos" e "Aliarda" se caracterizam por uma pobreza de flexão.

Em relação ao romance "Conde Claros em Hábito de Frade", mesmo que o não conhecêssemos, bastar-nos-iam os dados do Quadro II para podermos afirmar que neste *subcorpus* se encontram praticamente todos os tempos e pessoas verbais da língua portuguesa. Com efeito, se analisarmos os dados do Quadro III referentes a este romance, verificamos que, efectivamente, nele ocorrem todos os tempos verbais da língua portuguesa, pelo que, tendo em conta os dados disponíveis, este é sem dúvida o romance em que se verifica a maior riqueza no que toca à flexão verbal.

Uma vez que, tal como acima referimos, a distribuição de textos e do total de palavras por romance não é equitativa, as percentagens do Gráfico abaixo apresentado e as do Quadro III foram calculadas tendo em conta o número de formas flexionadas presente em cada romance por forma a permitir a comparação dos dados entre romances.

**Proporção de tempos verbais no *corpus***

- PRE IND
- PRE CONJ
- PER IND
- IMP IND
- IMP CONJ
- MPER
- FUT IND
- FUT CONJ
- COND
- INF FLEX
- IMPER
- GER
- INF N FLEX
- PCP
- PCP-A



O Gráfico mostra-nos que, para o *corpus* constituído pelos romances carolíngios, os tempos verbais mais utilizados são o Infinitivo não Flexionado (31,8%), o Presente do Indicativo (27%), o Perfeito do Indicativo (11,2%) e o Presente do Conjuntivo (8,5) e que os restantes tempos verbais possuem pouca expressão no *corpus*. No entanto, dos tempos verbais menos utilizados, é de salientar o facto de existirem tempos verbais cuja percentagem de uso se encontra abaixo de 1%, nomeadamente o Imperfeito do Conjuntivo (0,9%) e o Condicional (0,5%). Ainda que o Particípio Passado com função verbal plena possua uma percentagem de ocorrência abaixo de 1%, isto é, de 0,6%, este valor deve somar-se ao do Particípio Passado com função Adjectival que possui 3,1% porque, apesar de a forma nominal verbal poder desempenhar ambas funções (verbal e adjectival), trata-se, como acima referimos, de uma única forma verbal.

No Quadro III, podemos analisar a distribuição de tempos verbais por romance.

**Quadro III**  
**Percentagem de tempos verbais e de formas verbais nominais por romance**

Romance	PRE IND	PRE CONJ	PER IND	IMP IND	IMP CONJ	IMPER	FUT IND	FUT CONJ	COND	INF FLEX	IMPER	GER	INF N FLEX	PCP	PCP-A
Bernardo e Valdevinos	21,3	5,6	17,8	23,0	0,0	2,8	2,4	0,0	5,2	1,4	3,1	3,5	8,4	0,0	5,6
Conde Preso	24,0	8,5	10,9	5,9	0,8	2,2	1,7	0,1	0,1	0,6	3,2	0,3	14,0	6,4	21,2
Aliarda	23,0	2,7	19,5	9,7	1,8	3,5	1,8	1,8	3,5	0,9	0,9	0,9	30,1	0,0	0,0
Morte de D. Beltrão	18,7	3,7	22,2	8,3	0,1	1,0	0,3	0,0	0,3	3,5	4,8	3,0	29,3	0,2	4,5
D. Gaifeiros	28,4	5,6	10,9	6,5	0,7	1,1	1,3	0,5	0,0	1,3	3,1	1,1	37,0	0,5	2,0
C. Claros em Hábito de Frade	27,7	10,0	9,5	3,2	1,0	1,3	3,0	2,3	0,5	0,9	4,5	1,0	32,9	0,4	2,0
Conde Dirlos	31,3	7,6	9,9	4,9	0,3	2,4	4,7	1,4	0,0	0,8	1,7	0,7	32,8	0,5	1,0
Floresvento	19,1	3,7	28,8	4,7	0,0	2,3	2,3	3,3	0,0	0,7	2,0	1,3	27,8	0,3	3,7
Conde Claros Preso	27,8	5,4	11,1	5,3	1,3	0,7	2,0	0,5	0,2	0,2	4,2	0,6	37,7	0,5	2,7
Total %	27,0	8,5	11,2	4,6	0,9	1,4	2,7	1,7	0,5	1,0	4,0	1,1	31,8	0,6	3,1

Os dados percentuais do Quadro III mostram-nos claramente que os tempos verbais mais utilizados em todo o *corpus* (Infinitivo não Flexionado, Presente do Indicativo, Perfeito do Indicativo e Presente do Conjuntivo) nem sempre coincidem com os tempos mais utilizados por alguns romances em particular.

No caso do romance "Bernardo e Valdevinos", se bem que o Presente do Indicativo é um dos tempos utilizados por excelência, constatamos que o tempo mais utilizado se trata do Imperfeito do Indicativo, possuindo também o Perfeito do Indicativo uma significativa percentagem de utilização. Quando comparados os valores percentuais deste romance com os dos restantes romances é interessante constatar que é este o romance em que mais ocorre o Condicional e no qual menos ocorre o Infinitivo não Flexionado.

Em relação ao romance "Conde Preso", dos tempos verbais mais utilizados salienta-se o facto de apenas o Presente do Indicativo coincidir com os dados gerais do *corpus* e o facto de haver uma clara opção pelas formas participiais, quer se trate do particípio com função adjectival ou com função verbal plena, que conjuntamente correspondem a 27,6% (21,2% para o PCP-A e 6,4% para o PCP) das formas verbais utilizadas neste romance.

Da análise dos valores percentuais apresentados no Quadro III, destaca-se ainda o facto de os romances "Aliarda", "Morte de D. Beltrão" e "Floresvento" recorrerem maioritariamente ao Perfeito do Indicativo em detrimento do uso do Presente do Indicativo, sendo inclusivamente o Perfeito do Indicativo o tempo mais utilizado no romance "Floresvento".

Se retermos os romances à luz destes dados, constatamos, por um lado, que nos momentos de narração os tempos verbais mais utilizados são o Presente do Indicativo, o Perfeito do Indicativo e o Imperfeito do Indicativo e, por outro lado, que nos momentos de diálogo se recorre maioritariamente ao Presente do Indicativo. Parece-nos, por isso, clara a estreita relação

entre o uso de determinados tempos verbais no romanceliro e a estilística desses mesmos tempos<sup>7</sup>.

No que se refere aos valores percentuais referentes ao uso do tempo Presente do Conjuntivo, verifica-se que o valor percentual do total do *corpus* (8,5%) se deve ao facto de, para dois dos romances ("Conde Preso" e "Conde Claros em Hábito de Frade"), se tratar de um tempo verbal com valores significativos: 8,5% e 10%, respectivamente. Curiosamente, em ambos os romances, o recurso maioritário a este tempo verbal (Presente do Conjuntivo) dá-se quando as personagens (o conde preso em "Conde Preso" e a donzela enganada em "Conde Claros em Hábito de Frade") expressam um desejo, confirmando-se uma vez mais a estreita relação entre o uso de tempos verbais e a estilística.

Por outro lado, sabendo que no romance "Bernardo e Valdevinos" os tempos que ocorrem em fim de verso correspondem ao Imperfeito do Indicativo e ao Condicional, que no romance "Conde Preso" encontramos em fim de verso formas participiais e que nos restantes romances em fim de verso se contabilizam Infinitivos não Flexionados, parece impossível não relacionar a ocorrência dos tempos verbais em fim de verso com a rima assonântica específica de cada romance: *i-a* em "Bernardo e Valdevinos"; *o-a* em "Conde Preso" e *a-e* nos restantes romances, confirmando-se, deste modo, mais uma vez as teorias da íntima relação dos tempos verbais em contexto final de verso com a assonância característica do género romancístico.

Da análise comparativa do Gráfico apresentado e do Quadro III, podemos concluir que, se bem que os tempos verbais do *corpus* romances carolíngios sejam o Infinitivo não Flexionado, o Presente do Indicativo, o Perfeito do Indicativo e o Presente do Conjuntivo, dentro deste *corpus* podemos elencar outros *subcorpora*, constituídos por aqueles romances para os quais os tempos verbais mais importantes diferem dos tempos verbais mais utilizados pelo *corpus* principal, nomeadamente o *subcorpus* do romance "Bernardo e Valdevinos", o *subcorpus* do romance "Conde Preso" e o *subcorpus* constituído pelos romances "Morte de D. Beltrão" e "Floresvento".

O quadro seguinte, Quadro IV, dá conta do índice de frequência de cada lema verbal no *corpus* dos romances carolíngios.

<sup>7</sup> Por limitações de espaço e devido aos objectivos enunciados, não podemos aqui analisar a estilística de cada tempo verbal no *corpus*. Para a estilística dos tempos verbais na língua portuguesa *vide*, por exemplo, Lapa 1979 e no romanceliro *vide*, por exemplo, Szertics 1967.

### Quadro IV

nº de frequências	Lema
1322	Ir
1013	Ser
713	Dar
617	haver de
493	Ter
485	Querer
459	Estar
376	Vir
280	Confessar
276	Queimar
264	Levar
262	Deixar
255	Dizer
254	Andar
237	Mandar
228	Poder
219	Fazer
197	Ver
183	Dormir
175	falar; passear
171	Matar
164	Saber
160	Haver
142	Achar
137	Casar
131	Guardar
113	Buscar
108	Jantar
97	Contar
95	Ganhar
89	Gabar
86	Chorar
84	Vestir
79	chegar; passar
78	Ouvir
77	acabar; morrer
74	Entrar
69	Encontrar
68	Deitar
67	Entregar
64	Calar
63	Beijar
62	Trazer
61	Enganar
60	Parar
58	Escrever
57	Acordar
55	Esperar
53	apostar; chamar
52	jogar; parecer; pôr; prender
51	Cortar
50	começar; degolar; dobar; tomar
49	Ficar
47	permitir; tomar
46	Salvar
43	ferrar; tratar
42	Cantar; olhar
41	Brincar
39	Dever
38	gritar; quedar
37	Tirar
36	caminhar; perdoar
34	cessar; pagar; responder
33	Abraçar
32	arredar; descansar



Analisando o Quadro IV, verificamos que os verbos com o maior índice de frequência no *corpus* são verbos de acção (*ir, dar, vir, confessar*), modais (*haver de, poder*) e estativos (*ser, estar*) e que entre as palavras com frequência 1 se encontram vocábulos que facilmente se relacionam com dialectalismos (*abalar, alembrar, apoquentar, astrever, atentar, escachar*). Contudo, da análise detalhada dos lemas verbais presentes no *corpus*, constatamos que os verbos mais utilizados, quer se trate ou não de léxico dialectal, são verbos de acção, confirmando-se também aqui a teoria de que o romanceiro é, por excelência, um género literário de acção.

#### 4 – NOTA FINAL

A abordagem estatística que acabámos de propor é apenas um dos possíveis métodos analíticos passíveis de aplicação ao estudo da linguagem do romanceiro e os dados apresentados são ainda preliminares, visto que continua em curso o estudo mais abrangente e aprofundado do léxico do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa editado entre 1828 e 1960.

Consideramos significativo que os dados estatísticos referentes ao *corpus* dos romances carolíngios apontem para conclusões semelhantes às de Szertics (1980) que indica o Presente do Indicativo, o Perfeito do Indicativo e o Imperfeito do Indicativo como os tempos mais utilizados no romanceiro velho e semelhantes às de Amado (1966) que, ao estudar o estilo do romanceiro português, salienta que os tempos verbais mais usados são o Presente do Indicativo, o Imperfeito do Indicativo e o Perfeito do Indicativo.

Uma vez que nos propusemos analisar apenas a variação da flexão verbal em cada um dos romances e de forma comparativa entre eles, não nos pudemos aventurar aqui no estudo da estilística de cada tempo verbal no *corpus* já que, dada a sua dimensão, esse seria de *per si* tema para outra comunicação. Estamos convictos, no entanto, de que esse estudo aproximaria ainda mais as nossas conclusões das de Szertics sobre o romanceiro velho e daria conta da atemporalidade da linguagem do romanceiro.

Creemos, para terminar, que os dados estatísticos aqui apresentados corroboram as teorias precedentes que mostram que o género romancístico tem preferência por tempos e formas verbais específicos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAITUA, Joseba (1991): "Cuestiones de léxico y aspecto: un análisis formal del participio" in *Revista da SEPLN – Sociedad Española para el Procesamiento del Lenguaje Natural*, nº 9, pp. 37-52.
- AMADO, Teresa (1966): *O Estilo do Romanceiro Popular Português: alguns aspectos*, Dissertação para a Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CÁCERES LORENZO, M<sup>a</sup> Teresa (1995): *Estudio del lenguaje tradicional del romancero isleño – Canarias, Cuba y Puerto Rico*, Las Palmas de Gran Canaria, Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria.
- CATALÁN, Diego (1997/1998): *Arte Poética del Romancero Oral*, vols. 1 (1997) e 2 (1998), Madrid, Siglo XXI de España Editores.
- CATALÁN, Diego (1982/1983/1984): *Teoría General y Metodología del Romancero Pan-Hispánico – Catálogo General Descriptivo*, vols.1 (1984), 2 (1983) e 3 (1982), Madrid, Seminario Menéndez Pidal.
- COMPAGNO, Filomena (2004): *Glosario del Cancionero de Castillo*, "<http://cisadu2.let.uniroma1.it/glosarios/cancionero/index.html>".
- DARBORD, Bernard (1995): "De l'imparfait dans de Romancero", in Bremond, Claude e Fischer, Sophie (ed.) *Le Romancero Iberique, Gènese, Architecture et Funtions*, Madrid, Casa Velázquez : 33-49.
- FERRÉ, Pere (2000): *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, vol. 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERRÉ, Pere e CARINHAS, Cristina (2000): *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-200)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal.

- FORNEIRO, José Luís (2000): *El Romancero Tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Gipúzcoa, Sendoa Editorial.
- FORNEIRO, José Luís (2004): *Allá en Riba un Rey tinha una Filha*, Ourense, Difusora de Letras, Artes e Ideias.
- HAENSCH, Günther, WOLF, Lothar, ETTINGER, Stefan e WERNER, Reinhold (1982): *La Lexicografía: de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*, Madrid, Gredos.
- LAPA, M. Rodrigues (1979): *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora.
- LAPESA, Rafael (1982): "La Lengua de la Poesía Épica en los Cantares de Gesta y en el Romancero Viejo", *De la Edad Media a Nuestros Días*, Madrid, Gredos, pp. 9-28.
- MARTÍNEZ-GIL, Fernando (1989): "Las inversiones del orden de palabras en el Romancero", in *Hispania*, nº 4, Dezembro, pp. 895-908.
- MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira et al. (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MIRRER, Louise (1987): "The characteristic patterning of romancero language: some notes on tense and aspect in the romances viejos", in *Hispanic Review*, nº 55, Autumn, pp. 441-461.
- SANDMANN, Manfred (1974): "La 'mezcla de los tiempos narrativos' en el Romancero Viejo", in *Romanistisches Jahrbuch*, XXV, Berlin/New York: 278-293.
- SARAMIN, Sabrina (2003): "Glosario del Corpus de Margrit Frenk (1, Datos)" in Serrano Reyes, Jesús, *Actas del II Congreso Internacional Cancionero de Baena*, Vol. 2, Baena, Ayuntamiento de Baena, pp. 319-327.
- SZERTICS, Joseph (1967): *Tiempo y Verbo en el Romancero Viejo*, Madrid, Editorial Gredos.
- SZERTICS, Joseph (1974): "Observaciones sobre algunas funciones estilísticas del pretérito indefinido en el romancero viejo", in *Explicación de Textos Literarios*, vol. II, Sacramento (California), Dep. of Spanish and Portuguese – California State University: 189-197
- SZERTICS, Joseph (1980): "Tiempo verbal y asonancia en el Romancero Viejo", in *Homenaje a Don Agapito Rey*, Bloomington, Indiana University, pp. 179-194.
- WEBBER, Ruth House (1951): *Formulistic Diction in the Spanish Ballad*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.